

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**Emilly Ferreira Bento**

**A aula de História e as demandas do tempo presente:  
redes sociais e feminismo como ferramentas na construção do conhecimento histórico**

Juiz de Fora  
2019

**Emilly Ferreira Bento**

**A aula de História e as demandas do tempo presente:  
redes sociais e feminismo como ferramentas na construção do conhecimento histórico**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Departamento de História da Universidade  
Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial  
a obtenção da licenciatura em História

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Yara Cristina Alvim

Juiz de Fora  
2019

**Emilly Ferreira Bento**

**A aula de História e as demandas do tempo presente:  
redes sociais e feminismo como ferramentas na construção do conhecimento histórico**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Departamento de História da Universidade  
Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a  
obtenção da licenciatura em História

Aprovada em        de        de

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Yara Cristina Alvim - Orientadora  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Anderson Ferrari- Leitor Crítico  
Universidade Federal de Juiz de Fora

## RESUMO

Compreendendo a aula de História, e o ambiente escolar como um todo, enquanto espaços que não estão isentos das questões postas na sociedade em que vivemos, o presente trabalho tem como objetivo pensar a aula de História na relação com as demandas do tempo presente. Para isso, o trabalho conta com o recorte de temáticas relacionadas às mulheres e ao feminismo, as quais surgiram como demandas urgentes de alunas de uma turma específica do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública e federal localizada no município de Juiz de Fora, Minas Gerais, no decorrer da realização do estágio supervisionado. Analisaremos, no decorrer da pesquisa, como as demandas relacionadas à agenda do feminismo influenciam na construção do conhecimento histórico dessas alunas e, para além disso, na construção de suas identidades. Ao considerar e constatar o protagonismo das redes sociais nessa dinâmica, o trabalho buscou apresentar uma contribuição para os debates acerca da presença das tecnologias digitais no ambiente escolar como ferramenta para a construção do saber histórico.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Feminismo. Ciberespaço. Redes Sociais.

## **ABSTRACT**

Understanding the history class and the school environment as a whole, as spaces that are not exempt from the questions posed in the society in which we live, the present work aims to think the history class in relation to the demands of the present time. For this, the work has the clipping of themes related to women and feminism, which emerged as urgent demands of students from a specific class of the 1st year of high school of a public and federal school located in the city of Juiz de Fora, Minas Gerais, during the course of the supervised internship. We will analyze, throughout the research, how the demands related to the feminist agenda influence the development of these students' historical knowledge and, furthermore, the development of their identities. By considering and confirming the protagonism of social networks in this dynamic, the work sought to present a contribution to the debates about the presence of digital technologies in the school environment as a tool for the development of historical knowledge.

**Keywords:** History teaching. Feminism. Cyberspace. Social networks.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>1. O COMPARTILHAMENTO DE EXPERIÊNCIAS PESSOAIS DE ALUNAS DO ENSINO MÉDIO NO MUNDO VIRTUAL: ORGANIZAÇÃO E DEBATES DE PAUTAS FEMINISTAS.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1. A circulação pelo ciberespaço nas redes sociais.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2. Feminismos em rede e o compartilhamento de experiências pessoais.....</b>	<b>15</b>
<b>1.3. As pautas feministas no ciberespaço.....</b>	<b>16</b>
<b>2. AS DEMANDAS DO TEMPO PRESENTE NA AULA DE HISTÓRIA.....</b>	<b>20</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>27</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>29</b>

## INTRODUÇÃO

O interesse em elaborar o presente trabalho partiu de uma inquietação gerada durante a realização de atividades de estágio supervisionado ao longo do segundo semestre de 2018 e o primeiro semestre de 2019, em uma escola pública e federal do município de Juiz de Fora, Minas Gerais. No decorrer do estágio passei a observar que as alunas do 9º ano do Ensino Fundamental, de uma turma específica, traziam, sistematicamente, questões e debates em torno da figura da mulher - diretamente ligadas às pautas feministas - para serem discutidas em sala de aula com a professora de História daquele ano. A forma pela qual essas alunas traziam suas questões se configurou como o ponto de partida para a pesquisa, visto que as alunas traziam, frequentemente, matérias de jornais online, textos disponibilizados nas redes sociais, vídeos e imagens elaborados e compartilhados no mundo virtual, ou seja, o ciberespaço parecia se configurar como um suporte fundamental de busca de informação e de conhecimento.

A partir desse cenário que me inquietou, a presente pesquisa passou a ser desenhada. A pesquisa foi realizada com um total de cinco alunas, já no 1º ano do Ensino Médio, durante o primeiro semestre de 2019 com a intenção de, num primeiro momento, investigar se havia ou não contribuição das redes sociais e do ciberespaço na formação de conhecimento histórico dessas jovens alunas e, num segundo momento, compreender como as demandas vinculadas às pautas do feminismo intervêm na construção do conhecimento histórico e, para além disso, nas identidades das alunas entrevistadas. Isto posto, a pesquisa busca entender se essas questões aparecem ou não na sala de aula, como aparecem e quais significados trazem. A seleção das alunas para as entrevistas seguiu dois critérios: demonstrarem interesse em participar e autorização dos pais ou responsáveis a partir da assinatura de um termo de responsabilidade impresso. Inicialmente, onze alunas demonstraram interesse em participar da pesquisa, entretanto, apenas cinco alunas permaneceram até o final. É importante destacar que a identidade das alunas entrevistadas não será revelada. Por conta disso, serão adotados nomes fictícios relacionados a personalidades importantes no meio feminista.

Dessa forma, o presente trabalho abordará demandas de alunas de 1ª ano do Ensino Médio acerca de temáticas relacionadas às mulheres e ao feminismo, ou seja, demandas que estão localizadas no tempo presente e que, frequentemente, invadem o espaço escolar e são negligenciadas em prol de um conhecimento histórico escolar conteudista, seja por insegurança dos professores e das professoras em lidarem com a história do tempo presente, seja pelo receio de tratar de temas sensíveis ou controversos como racismo, xenofobia, feminismo, violência

contra a mulher, feminicídio, LGBTfobia etc., no ambiente escolar. Para compreender o que seriam os temas considerados sensíveis ou controversos precisamos levar em conta que:

O estudo da história pode ser emotivos e controverso lá onde existe uma deslealdade ("unfairness") real ou percebida em relação a pessoas ("people") da parte de outros grupos ou indivíduos no passado. Isso também pode acontecer onde houver disparidades entre o que é ensinado nas aulas de história, as histórias da família ou da comunidade e outras histórias. Tais questões e disparidades criam uma forte ressonância com estudantes em determinados ambientes educacionais (The Historical Association, 2007b:3 apud ALBERTI, 2015 p.289)

À vista disso, reiteramos ao longo da pesquisa, a necessidade de ouvir as demandas dos alunos e alunas por questões sensíveis e questões do tempo presente, que estão inseridas em outros espaços que não sejam escolares, mas que estão presentes dentro das salas de aula, a fim de possibilitar a construção de uma educação para a cidadania e para “tornar os jovens capazes de participar democraticamente da sociedade e desenvolver neles as capacidades intelectuais e afetivas necessárias para tal.” (LAVILLE, 1999, p. 126).

O material utilizado como fonte foi um questionário (Apêndice A) elaborado a partir de temas específicos relacionados às mulheres - que se inserem dentro das lutas feministas - para ser aplicado a partir de entrevistas orais. O questionário foi construído a partir de três eixos centrais da pesquisa organizados em três blocos: *Bloco 1 - Circulação nas Redes Sociais*, que teve o objetivo mapear por onde as alunas entrevistadas normalmente transitam pelo ciberespaço, ou seja, quais redes sociais mais utilizam, quais os objetivos das alunas ao fazerem o uso dessas plataformas (lazer, estudos, jogos, informações etc.), se participam de grupos de discussão e quais temas são mais discutidos e acessados por elas. O *Bloco 2 - Temáticas relacionadas às mulheres* consistiu em colocar em discussão, através das entrevistas, questões caras aos movimentos feministas, como as opressões e os assédios diários vivenciados por mulheres, as diferenças de salários entre homens e mulheres - oportunidades e mercado de trabalho no geral -, violência doméstica e legalização do aborto. E, por fim, no terceiro e último bloco de questões, *Bloco 3 - Aula de História* foram feitas perguntas com o objetivo de identificar as questões relacionadas às mulheres apareciam ou não na sala de aula. É importante ressaltar que a definição do conceito de feminismo não aparece nas questões elaboradas para as entrevistas, isto ocorre para que as alunas possam fazer livremente suas associações.

O primeiro capítulo deste trabalho apresentará a análise das fontes juntamente com os dados extraídos das entrevistas referentes ao primeiro e segundo bloco do questionário. À vista disso, o texto trará em seu corpo a exposição, a sistematização e a problematização das respostas



mais frequentes e de respostas mais singulares das cinco alunas entrevistadas. A escrita será dividida em quatro momentos específicos: em primeiro lugar, para introduzir a pesquisa, falaremos de forma mais detalhada sobre o contexto e a metodologia utilizada na pesquisa; em seguida, na primeira seção, será explicado os conceitos de *ciberespaço* e de *redes sociais* que irão perpassar a pesquisa; localizaremos a circulação dessas jovens alunas pelo mundo virtual, através do mapeamento das redes sociais mais utilizadas pelas entrevistadas, buscando entender o que esses espaços significam para as alunas e, além disso, faremos um breve apontamento acerca da capacidade da sociedade contemporânea, principalmente dos jovens, de se comunicarem via Internet de diferentes formas. Na segunda seção do primeiro capítulo analisaremos para quais usos são direcionados às plataformas virtuais utilizadas pelas alunas entrevistadas, quais assuntos mais acessados. Ainda na segunda seção faremos uma reflexão quanto às ausências de algumas redes sociais que foram importantes, num passado recente, por terem sido ferramentas de organização de mulheres feministas contra o avanço do conservadorismo. Já na última seção do primeiro capítulo, falaremos sobre como aparecem as pautas feministas nas redes sociais e no ciberespaço, levando em conta o funcionamento do mundo virtual a partir de configurações específicas de programações e de algoritmos, com o intuito de trazer a perspectiva de que o modo como são constituídos os computadores e tecnologias de forma geral, podem influenciar ou não que certos assuntos sejam evidenciados em nossas redes sociais.

No segundo capítulo iremos abordar como temáticas relacionadas às mulheres aparecem na aula de História. Dessa forma, identificaremos e analisaremos, através das entrevistas com as cinco alunas, as presenças e as ausências e, para além disso, as relações e conexões estabelecidas pelas alunas com a escola. O segundo capítulo conta ainda com a problematização do papel de professores e professoras na construção de conhecimento histórico a partir de utilização de ferramentas como a Internet e as redes sociais, uma vez que tais ferramentas fazem parte do cotidiano dos jovens como fonte de busca de informação e de conhecimento. Apontaremos ainda a importância de ouvir os alunos e as alunas buscando perceber as demandas que estão presentes no ambiente escolar e a importância da história do tempo presente na formação de alunos e alunas para que sejam capazes de se desenvolverem como cidadãos.

Nesse sentido, o presente trabalho se insere no debate do ensino de História como uma pequena contribuição para os debates recentes sobre o ensino e aprendizagem da disciplina de História através de suportes não tradicionais como as redes sociais e o ciberespaço. O trabalho apresentará, através das narrativas das alunas entrevistadas, a importância de professores e professoras se atentarem para o uso dessas tecnologias uma vez que:

A internet está cada vez mais presente no sistema educacional e o uso das redes sociais deve ser introduzido no processo pedagógico para romper as paredes da escola, para que aluno e professor possam conhecer o mundo, novas culturas, realidades diferentes, desenvolvendo a aprendizagem através do intercâmbio e aprendizado colaborativo. (SILVA; SERAFIM, 2016, p.81)

Dessa forma, destacamos a importância da mediação de professores e professoras na relação dos e das estudantes com o ciberespaço, a fim de aproveitar as potencialidades educativas e formativas que nele existem. Partindo da ideia de que “o saber histórico escolar participa da constituição da consciência histórica, mas esta não se restringe a ele, pois também é formada em outros lugares sociais como na mídia, na Igreja, na família” (FRANCO; MARTINS, 2016, p.289) reiteramos a necessidade de não ignorar os conhecimentos adquiridos nesses espaços pelos alunos e pelas alunas, mas trazê-los para as discussões em sala de aula.

## **1. O COMPARTILHAMENTO DE EXPERIÊNCIAS PESSOAIS DE ALUNAS DO ENSINO MÉDIO NO MUNDO VIRTUAL: ORGANIZAÇÃO E DEBATES DE PAUTAS FEMINISTAS**

O presente estudo foi feito a partir do questionamento: há influência ou não das Redes Sociais na construção de conhecimento histórico de alunas do 1º ano do Ensino Médio, no que tange à temática do feminismo? O interesse pela pesquisa surgiu devido à observação de uma turma específica do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública e federal de Juiz de Fora (MG) durante a realização das atividades de estágio supervisionado, realizadas no ano de 2018. Tal inquietação surgiu por conta da grande demanda de temas relacionados à mulher que surgiam por parte das alunas nas aulas de História. Ao longo das aulas, as alunas traziam matérias de revistas e de jornais online relacionadas ao assédio e à opressão vivenciada pelas mulheres para serem discutidas com a professora, comportamento que foi ficando cada vez mais presente nas aulas à medida em que se aproximava o processo eleitoral do ano de 2018, visto que no período debates entorno de demandas das minorias sociais se inflamaram tanto no mundo virtual, quanto fora dele e, como consequência disso, aumentou-se cada vez mais a circulação de reportagens que denunciavam declarações machistas de candidatos à presidência entre outras denúncias e escândalos. Estas questões não ficaram do lado de fora das escolas e, nesta turma, a qual se localiza nossos sujeitos, esses debates eram direcionados e cobrados pelas alunas para a professora de História. Eram demandas frequentes que modificavam o andamento das aulas.

A partir desse cenário observado entre as alunas na sala de aula, a pesquisa foi feita, a partir de um questionário elaborado previamente e que contou com três blocos de perguntas, trazendo temas relacionados à circulação dessas alunas nas redes sociais, à temática das mulheres e à aula de História. As perguntas contavam com as opções “sim” ou “não”, entretanto, algumas questões pediam para justificar a resposta. O questionário foi aplicado no refeitório da instituição de ensino em questão após o término das aulas das turmas do Ensino Médio. As entrevistas foram realizadas com cinco alunas, separadamente. A dinâmica estabelecida foi de pergunta - de forma oral - e resposta também de forma oral, deixando livre para possíveis justificativas e reflexões por parte das entrevistadas, as quais foram anotadas.

Após o término das entrevistas, as mesmas foram analisadas em conjunto. O critério de análise partiu da observação e sistematização das respostas mais recorrentes e também das mais

pontuais. A escrita desta pesquisa também conta com a problematização das respostas e das entrevistas no geral.

Dito isso, é necessário falar um pouco sobre os sujeitos da pesquisa, ou seja, as meninas entrevistadas. É preciso enfatizar que as identidades não serão reveladas e que, no decorrer dessa análise, cada entrevistada contará com um nome fictício, remetendo a grandes ícones feministas. Serão elas: Monique Witting, Bell Hooks, Simone de Beauvoir, Judith Butler e Betty Friedan. Todas elas possuem quinze anos de idade, exceto Betty que, no momento da entrevista, ainda tinha quatorze anos de idade. É importante enfatizar que todas as cinco entrevistadas estudam na mesma escola, uma escola pública federal e estão cursando o 1º ano do Ensino Médio na mesma turma.

### **1.1 A circulação pelo ciberespaço nas redes sociais**

Ao falarmos sobre a circulação das entrevistadas no mundo virtual, partimos de duas questões essenciais: se possuem acesso à internet em casa e se elas utilizam algum tipo de rede social. Das cinco entrevistadas, todas elas responderam que possuem acesso à internet em casa, ainda que não tenha na própria casa - por *Wi-Fi* do vizinho- como é o caso de Monique. Além disso, todas as cinco disseram que utilizam as redes sociais. Mas antes de trazer os dados da pesquisa é necessário esclarecer alguns conceitos importantes que a atravessam.

Primeiramente, precisamos compreender os conceitos de *ciberespaço* e *redes sociais*. O ciberespaço não é apenas o espaço virtual que possibilita conexões com o mundo todo através de computadores, ele é também o lugar que abriga um universo de diferentes informações armazenadas por nós, seres humanos, que as utiliza para os mais variados fins (FRANCO; MARTINS, 2016). Fazem parte dele as redes sociais que hoje em dia estão presentes na rotina da maioria das pessoas, inclusive do público jovem. Elas ganham diferentes funções, podendo ser: entretenimento, busca por informações, ferramenta de estudos, por emprego, busca por novos amigos etc (SILVA; SERAFIM, 2016). A partir dessa importância da internet na vida contemporânea, o presente trabalho tem como fio norteador as Redes Sociais, definida por Eucídio Pimenta Arruda (2015) como:

Em um sentido mais amplo, as redes sociais podem ser compreendidas como estrutura social composta por pessoas ou organizações aproximadas por vários tipos de relações. No âmbito do ciberespaço, as chamadas "redes sociais" são

softwares elaborados para criar teias de relações entre pessoas por meio da mediação de computadores. (ARRUDA, 2015, p. 443)

Nesse sentido, as entrevistas nos ajudam a compreender quais espaços se constituem como espaços de formação e de informação para essas jovens alunas do primeiro ano do ensino médio. Para isso, precisamos analisar por onde circulam no ciberespaço. Todas as alunas fazem uso das redes sociais e os usos são variados, entretanto podemos perceber que são voltados em sua maioria para lazer e estudos: das cinco meninas entrevistadas, duas responderam que usam as redes sociais para busca de informações; quatro para lazer e para ajudar nos estudos; apenas uma respondeu que usa as redes sociais e internet para jogos e uma apenas respondeu que usa as redes sociais para tudo - todas as opções.

Sobre essa questão - de quais são os usos que essas alunas fazem das redes sociais e do ciberespaço em geral - algumas respostas são bem interessantes. A começar por Bell Hooks e Simone de Beauvoir. Ambas responderam que utilizam as redes para o lazer, e que as utilizam para pesquisar sobre temáticas relacionadas à moda, sendo que Bell é mais específica: ela procura por sapatos. Contudo, é necessário pensar nas redes sociais para além de um espaço no qual se constituem relações de consumo com o universo dito feminino. Devemos nos atentar, principalmente, para o fato de o mundo virtual ser um lugar no qual essas alunas encontram informações e conhecimentos que fazem parte das pautas feministas - questões como o assédio, a opressão diária vivida por mulheres no ambiente familiar ou no trabalho, etc. - que fazem parte da constituição identitária dessas meninas enquanto feministas. Dessa maneira, a internet, de forma distinta do que são os outros meios de comunicação, traz novos aspectos para a formação da identidade, como nos explica Silvaldo Pereira da Silva, professor de Comunicação Social (2017):

Durante todo o século XX vivemos com os meios de comunicação: isto é, vivemos com o conteúdo da TV, com o conteúdo do rádio. No cenário da comunicação digital e seus artefatos, diferentemente, não vivemos apenas com estes e sim através destes: interagimos através da internet; construímos identidade através de mídias sociais; compartilhamos e elaboramos conhecimento através dos meios digitais. Vivemos dentro deles, não apenas ao lado deles. (SILVA, 2017, p.34-35)

Além disso, há também na maioria das respostas, uma forte ligação entre as redes sociais e a procura por métodos de estudo. Logo, podemos perceber que ainda que as escolas apresentem resistência à possibilidade de as redes sociais serem um espaço de pesquisa e de formação para os estudantes, o ciberespaço não deixa de ser utilizado pelos estudantes

(FRANCO; MARTINS, 2016). As redes sociais mais acessadas pelas entrevistadas foram as plataformas *Instagram* e *WhatsApp*, seguido pelo *Youtube*, o qual se mostrou uma ferramenta utilizada para complementar os estudos, tirando dúvidas para a realização de provas e avaliações e esclarecendo assuntos já vistos na escola.

Entretanto, apareceram outras redes sociais e também algumas ausências significativas que abordaremos mais à frente. Das cinco entrevistadas, duas responderam que utilizam a plataforma *Facebook*; todas as cinco utilizam o *Instagram* e o *WhatsApp*; quatro fazem uso do *Youtube* e nenhuma das entrevistadas fazem uso do *Twitter*. As outras redes sociais que surgiram ao longo das entrevistas foram: *Pinterest*, plataforma utilizada para o compartilhamento de imagens, a qual duas das cinco entrevistadas responderam que utilizam; uma das entrevistadas respondeu que acessam a *Netflix* para assistir filmes e séries; apenas uma respondeu que utiliza o chat *Messenger* e também apenas uma das cinco entrevistadas respondeu que utiliza da plataforma *Google* em geral.

O que podemos inferir a partir de quais redes sociais as entrevistadas mais circulam é que há uma forte relação com o visual. As alunas transitam com maior frequência por plataformas que são constituídas em sua grande maioria por conteúdos imagéticos, como o *Instagram*, o *Youtube* e o *Pinterest*. Outro ponto que se destaca nas entrevistas e nas falas dessas alunas é o consumo de notícias rápidas - textos curtos - recebidos via *WhatsApp*. Ao que parece, o *WhatsApp* tomou o lugar do *Facebook* como um espaço de circulação de notícias, conteúdos de formação e imagens. Betty Friedan ao ser perguntada se tinha hábito de utilizar o *Facebook* respondeu de forma enfática e certa: “Mas quem hoje em dia usa *Facebook*?”. Isso nos leva a outra questão: a efemeridade das redes sociais; um dia são a novidade, mas pouco tempo depois já se tornam obsoletas e são substituídas por outras formas de se informar e de se comunicar, estas cada vez mais dinâmicas.

A rapidez e celeridade propostas por essas novas formas de se comunicar e interagir no meio digital traz novos aspectos e desafios para a construção do saber na juventude, segundo Sônia Miranda:

Faze-se *tudoaomesmotempoagora*, em direção à provocação apresentada por Nestor Canclini (2008) em sua crônica do tempo contemporâneo, o que ativa novas práticas de sociabilidade e novas possibilidades de relações e interações entre os sujeitos, assim como novas formas de acesso ao saber. (MIRANDA, 2012, p. 244)

Dessa forma, as redes sociais se tornam espaços não só de lazer, mas também de acesso e busca por conhecimentos diversos, como é o caso as alunas entrevistadas que, por exemplo, utilizam a plataforma YouTube como complemento para os estudos.

## **1.2 Feminismos em rede e o compartilhamento de experiências pessoais**

A partir das entrevistas iremos, nesta seção, discutir se os espaços nos quais as alunas transitam nas redes sociais exploram temáticas referentes às mulheres; o que as levaram a frequentar esses espaços e, para além disso, as respostas nos trazem um outro elemento que se destacou na fala da maioria das estudantes: a importância de se discutir temas relacionados à mulher e ao machismo.

Quando perguntadas se os espaços em que circulam na Internet discutem temáticas relacionadas às mulheres, quatro das cinco entrevistadas responderam que sim, ainda que os mesmos não tenham sido criados estritamente para este fim; três respostas chamam a atenção: Bell Hooks relata que faz parte de um grupo no WhatsApp com suas amigas de infância e que mesmo não sendo criado com o objetivo de debater questões relacionadas às mulheres, esses assuntos perpassam o grupo composto apenas por meninas. Segundo Bell, essas temáticas apareceram, pois, com o passar dos anos -no sentido de crescimento- surgiu a necessidade de compartilhar e discutir algumas de suas experiências como mulheres no mundo e que, por conta disso, ela e suas amigas se veem cada vez mais engajadas politicamente. Simone de Beauvoir relata que nesses grupos os quais participa aparecem temas como a desvalorização e a desigualdade do trabalho da mulher definidos por ela como machismo. Quando perguntada o motivo que a levou a participar desses grupos, Simone responde que participa e frequenta esses espaços virtuais, pois acha o correto a se fazer para mostrar que a mulher tem força e também tem voz. Outra resposta que se destaca é a de Judith Butler que relata que faz parte de um grupo feminista no WhatsApp chamado “Resistência Feminista MG” e que os temas mais discutidos são relacionados à política; e completa dizendo que os ataques feitos pelo atual presidente Jair Bolsonaro às mulheres a levou a frequentar o grupo.

Em tal caso, percebemos que o WhatsApp é, para essas jovens alunas, a forma principal de adquirir informação e conhecimento, além de ser palco para debates a partir de mensagens instantâneas. Entretanto, outras redes sociais chamaram a atenção nas respostas pelo fato de serem utilizadas muito pouco ou nem serem usadas.

A ausência das plataformas Facebook e Twitter nas entrevistas se tornou um exemplo da efemeridade das redes sociais ao pensarmos que no ano de 2016, após o aumento de páginas

que tratavam sobre o tema do feminismo a partir de diferentes perspectivas ideológicas fizeram de ambas as redes uma ferramenta de organização, ainda que com um cenário ideológico heterogêneo, como recorda Heloísa Buarque de Holanda em seu livro “Explosão Feminista” de 2018:

Respondendo ao recrudescimento de um forte conservadorismo que ameaça, inclusive, direitos já conquistados, os feminismos em rede se empenham no uso e na forma de novos instrumentos em suas lutas. Mais do que defender racionalmente ideologias, os grupos produzem laços que tecem uma expressiva perspectiva comum. (HOLANDA, 2018, p.47)

Nesse período foram espalhadas em grande quantidade pelo Twitter inicialmente, e depois pelo Facebook, *hashtags* em torno de algumas questões da pauta feminista como a campanha #MeuAmigoSecreto que tinha como objetivo, segundo Heloísa Buarque (2018, p.49), “tornar públicos os relatos de assédios realizados por homens próximos, sem identificá-los. Entretanto, passados apenas três anos, o Facebook se torna uma ferramenta obsoleta no meio jovem, dando lugar a outros instrumentos de formação, comunicação e organização no ciberespaço.

### **1.3 As pautas feministas no ciberespaço**

Nesta seção, apontaremos alguns temas e discussões específicos que foram abordados através do questionário aplicado referente a pautas comuns relacionadas às mulheres reivindicada por movimentos feministas como diferenças salariais entre homens e mulheres, assédio, opressão, violência doméstica e legalização do aborto. No decorrer da escrita, também abordaremos temas que apareceram ao longo das entrevistas, a partir das falas das alunas entrevistadas, que dialogam com as perguntas elaboradas previamente.

A primeira questão a ser abordada foi a relevância de se discutir temas relacionados às mulheres. Apesar de as respostas terem sido bastante variadas, todas as cinco alunas entrevistadas disseram que consideram importante este debate. As justificativas giram em torno da denúncia, da desvalorização da mulher e da necessidade de conscientização. Em síntese, para essas alunas é importante tratar de temáticas relacionadas às mulheres, pois o machismo é algo muito presente na sociedade e, por conta disso, é preciso compartilhar experiências umas com as outras, a fim de ter consciência de práticas machistas cotidianas e, como forma de resistência, se empoderar e criar novas perspectivas de vida.



Quando perguntadas se consideram que esses temas - machismo, desvalorização da mulher, entre outras pautas da luta feminista- as afetam diretamente, todas as entrevistadas responderam que sim. É perceptível em suas falas a compreensão de que, como pessoas que constituem uma sociedade, seja no âmbito familiar ou público, são diretamente afetadas pelo machismo. Dessa forma, todas as cinco alunas responderam que já sofreram algum tipo de assédio ou de opressão por serem mulheres. Algumas delas relataram, sem muitos detalhes, situações de opressão e assédio no ambiente escolar e familiar.

Ao serem perguntadas sobre questões relacionadas à violência doméstica, todas as entrevistadas responderam que procuram se informar sobre o assunto através das redes sociais. Bell Hooks relata que após um trabalho sobre feminicídio na escola, com a professora de Português, aprendeu mais sobre o tema e que após a tarefa passou a pesquisar sobre o tema na Internet e nas redes sociais. Outra entrevistada, Judith Butler, disse que assuntos relacionados à violência contra a mulher são muito noticiados nas diferentes mídias e por conta disso acabam aparecendo em suas redes sociais. A fala de Judith é importante para refletirmos sobre um ponto fundamental: o funcionamento do ciberespaço.

O espaço virtual é composto pelo sistema de algoritmos e de Big Data que funcionam de forma simultânea. Os algoritmos se manifestam como uma sequência de procedimentos programados que fazem com que a máquina, no nosso caso, o computador, responda à determinados comandos externos. Esses comandos externos são atribuídos a direcionamentos feitos a partir do sistema de Big Data- datificação dos indivíduos através de diferentes plataformas como redes sociais, planos de saúde online, câmeras de segurança, celulares, contas em sites, etc. - elaborando respostas logicamente convenientes, como explica Silvaldo Pereira da Silva:

Em termos práticos, algoritmos – ou o “código”, como se denomina em computação – significa uma série de procedimentos programados capazes de instruir a máquina a reagir a determinados inputs de informação. Tais inputs, por sua vez, referem-se a demandas práticas codificadas que geram respostas(outputs) logicamente condizentes. (SILVA, 2017, p.31)

Para melhor entendimento do funcionamento dos algoritmos e do sistema de *Big Data*, vamos a um exemplo: Judith Butler ao dizer que assuntos relacionados à violência contra a mulher “aparecem” em suas redes sociais significa que, de alguma forma a entrevistada entra em contato com este assunto através do ciberespaço e, a partir desse comando externo (*input*), seja clicando em alguma matéria de jornal sobre o assunto, tendo acesso a páginas que falam sobre ou de qualquer outro tipo de contato que seja, as redes sociais de Judith respondem

(*output*) mostrando para ela cada vez mais sites, páginas, reportagens etc, relacionados a esta temática. É o que ocorre, por exemplo, quando você começa a pesquisar na internet por preços de passagens para viajar, automaticamente seu computador responde a essa demanda trazendo como sugestões nas diferentes redes sociais em que você acessa, opções de companhias aéreas ou de ônibus, hotéis e restaurantes, baseado nos dados que são armazenados sobre você no mundo virtual. Nesse sentido, de acordo com Silvaldo Pereira (2017):

Algoritmos não só nos ajudam a encontrar informações, mas também estabelecem convenções, influenciando as formas de conexões entre pessoas e das pessoas com outros artefatos culturais; fornecem significados, influenciando também o que é objeto de conhecimento na vida social, bem como a forma de se obter determinados conhecimentos sobre o mundo (SILVA, 2017, p.44)

A partir dessa discussão podemos induzir que as informações adquiridas por essas jovens alunas a temáticas relacionadas à mulher e, para além disso, ao universo feminino, através das redes sociais, não se dá de forma direta apenas, mas indiretamente, a partir de mecanismos de funcionamento do ciberespaço, temáticas específicas são acessadas.

No que tange à discussão da legalização do aborto, pautada por movimentos feministas de diferentes correntes, as respostas seguiram um mesmo rumo. Todas, ainda que com ressalvas, disseram ser favoráveis à legalização. Entretanto é importante que olhemos com mais atenção para as respostas: Simone de Beauvoir diz que depende, pois é um assunto sério com pontos positivos e também negativos; concorda em casos de estupro, mas acha errado “só não querer”; Bell Hooks conta que é mais a favor do que contra. Segundo ela, nós não temos o direito de escolher para outra pessoa o que ela deve ou não deve fazer com o próprio corpo; Monique Wittig num primeiro momento diz que concorda com a legalização do aborto, mas em seguida fica um pouco pensativa e corrige respondendo que depende, pois alguns casos seriam prioridade, mas outros não; Betty Friedan sem hesitar diz que concorda e demonstra certa intensidade ao afirmar que se homens “podem” abandonar seus filhos, as mulheres também devem ser livres para não querer ter filhos. Por último, Judith Butler diz que possui uma visão “mais liberal”, que não se deixa influenciar por nenhuma igreja e que a proibição é um retrocesso na saúde da mulher. No entanto, Judith parecia confusa com a sua resposta e concluiu afirmando que o aborto é interessante apenas em casos de estupro.

As respostas acima nos fazem voltar a uma questão já tratada anteriormente: a relação dessas jovens com o conteúdo imagético e pequenos textos no mundo virtual. As alunas entrevistadas pareciam responder algumas questões, principalmente sobre a legalização do

aborto, de forma confusa. Em alguns momentos pareciam não saber justificar suas respostas, como se não soubessem de forma mais profunda sobre os temas em questão, ainda que afirmassem pesquisar sobre os mesmos. Diante disso, precisamos refletir sobre a confusão, ou ainda, a insegurança dessas alunas ao tratar deste tema específico. A leitura feita de tal insegurança parte da perspectiva de a legalização do aborto possa ser pouco discutida por ter se constituído na sociedade como um tema tabu. Nesse sentido, ainda que a internet e as redes sociais viabilizem o acesso a diferentes tipos de conhecimentos e de formações, alguns temas, considerados muito sensíveis e delicados, como é o caso do debate em torno da legalização do aborto, permanecem sendo pouco discutidos e não tendo a profundidade necessária para melhor compreendê-los.

É neste contexto, que a figura do professor e da escola se torna elemento essencial para que as redes sociais possam ser aproveitadas de formas mais apropriadas na formação de alunos e alunas, como explicam Francineide Sales da Silva e Maria Lúcia Serafim (2016):

É o que aponta a educadora Bencini (2002), quando se refere à Era da Informação como um fato consumado e que, a cada dia, os alunos estão mais conectados, mas precisam da ajuda do educador para aprender a interpretar, pois adepto ou não às inovações tecnológicas, os professores devem reconhecer que, graças a ela, a informação não é mais privilégio de poucos, e o que vale não é apenas possuí-las, mas interpretá-las, em outras palavras, transformar informação em conhecimento. Não basta possuir uma infraestrutura moderna de comunicação; é preciso capacidade para converter informação em conhecimento. (SILVA; SERAFIM, 2016, p.70)

Portanto, temáticas relacionadas ao feminismo, dentre outras questões que estão presentes no cotidiano escolar e não escolar de alunos e alunas através das redes sociais e, em geral, no ciberespaço, poderiam, com o auxílio das instituições de ensino e de professores, contribuir para a construção de um pensamento crítico, aproveitando o variado leque de informações fornecidas pela internet para desenvolver conhecimentos mais sólidos e elaborados. À vista disso, no próximo capítulo abordaremos a relação entre o ensino de história e o feminismo, a partir de questões elaboradas previamente para as entrevistas, que irão questionar se temas relacionados às mulheres aparecem ou não aparecem na aula de História e quais são os impactos da presença ou da ausência de debates em torno dessa temática.

## 2. AS DEMANDAS DO TEMPO PRESENTE NA AULA DE HISTÓRIA

No presente capítulo tentaremos analisar, a partir das respostas das alunas entrevistadas, as presenças e as ausências de temáticas relacionadas às mulheres na aula de História. Porém, antes de apresentar os resultados, é preciso esclarecer em qual contexto as entrevistas foram feitas, pois este detalhe será importante para a análise das respostas. As cinco alunas - todas da mesma turma do 1º ano do Ensino Médio - foram entrevistadas no início do ano letivo de 2019 e, naquele momento, o conteúdo da disciplina de História era sobre a Idade Média. O professor trabalhava, especificamente, com a organização social no período e as funções de cada membro da hierarquia medieval - o rei, o alto clero, a nobreza e os servos.

Desse modo, levando em conta o período histórico que estava sendo estudado no momento das entrevistas, ao serem perguntadas se na aula de História a temática das mulheres era recorrente, quatro das cinco alunas entrevistadas responderam que sim e, segundo as entrevistadas, as discussões que mais apareciam eram relacionadas à opressão sofrida pelas mulheres na Idade Média. Entretanto, duas das entrevistadas relata que o professor não só falava das condições em que as mulheres viviam no período medieval, mas também fazia relações com contextos mais atuais, possibilitando-as a reconhecerem as mudanças na sociedade no que diz respeito à vida da mulher. Entretanto, quando perguntadas se havia debates em torno da figura da mulher na atualidade, Simone de Beauvoir enfatizou que no ano anterior havia mais discussões nesse sentido e atribuiu a falta de tais temáticas ao conteúdo que estava sendo estudado - Idade Média. Segundo Simone, a temática era “meio distante” para trazer assuntos da atualidade; enquanto que as outras alunas disseram enxergar relações estabelecidas entre passado e presente, como já dito anteriormente.

Ao longo das questões relacionadas à aula de História, Simone de Beauvoir constantemente trouxe o ano anterior como um ano que apresentou mais debates referente às mulheres. Dito isso, precisamos considerar algumas características que talvez possam influenciar na seleção das discussões em sala: no ano anterior (2018), a professora responsável pela disciplina de História das alunas entrevistadas era uma mulher, além disso, o conteúdo era de um tema historicamente mais recente.

Outra questão abordada nas entrevistas, com relação à aula da História, foi se no livro didático das alunas alguma questão referente às mulheres era desenvolvida ao longo dos conteúdos. Duas das entrevistadas responderam que sim e outras duas entrevistadas responderam que não, dentre essas, uma - Betty Friedan - explica que quando a mulher aparece

em seu livro didático, aparece como “coitada” e, segundo ela, essa narrativa não corresponde a real história da mulher. Apenas uma entrevistada responde que não tem o hábito de fazer uso de seu livro didático, mas aposta que “com certeza a mulher aparece”. Todas as cinco entrevistadas acreditam ser importante falar sobre o papel das mulheres ao longo da história e gostariam que o tema fosse mais abordado durante as aulas de História.

Além disso, todas as alunas entrevistadas responderam que acham a aula de História um ambiente ideal para a discussão sobre temas relacionados às mulheres. Contudo, uma entrevistada enfatiza que não só a aula de História, mas todas as outras disciplinas se configuram como um espaço ideal para tais debates e nos dá um exemplo, como se quisesse justificar que esse tipo de discussão é possível em outras disciplinas: Judith Butler nos conta que durante a aula de Português a professora aborda questões relacionadas à mulher - a mesma professora que Bell Hooks, no capítulo anterior, relata que solicitou um trabalho sobre o feminicídio.

Ademais, quando perguntadas se a aula de História as ajuda a entender situações de opressão e de assédio vivida por mulheres respondem que sim - todas as cinco entrevistadas - porém, Monique Witting e Judith Butler chamam a atenção em suas respostas. Monique diz que a aula de História ajuda um pouco, mas não aborda de forma profunda tais questões e Judith nos conta que ao olhar a história como um todo - todo o conteúdo estudado até hoje em sua vida escolar - ela percebe que o assédio e a opressão vivenciada por mulheres não é algo recente, mas uma herança histórica.

A partir das falas das alunas durante as entrevistas, principalmente de Judith Butler e Bell Hooks que, na maioria das vezes recorreram à experiências escolares para tratar de alguns assuntos abordados pelo questionário, é possível perceber uma forte relação entre as alunas e a escola no processo de formação de diferentes saberes, como é o caso das temáticas relacionadas às mulheres e ao feminismo que não estão, oficialmente, dentro dos currículos escolares, mas se fazem presente no ambiente escolar dessas alunas. Nesse sentido é necessário que façamos uma reflexão acerca do currículo da disciplina de História, pensando em que tipo de alunos estamos querendo formar.

Segundo Christian Laville (1999), o ensino de História, após a Segunda Guerra Mundial, com a vitória da democracia, muda sua função e ganha uma nova perspectiva: a de educar para o exercício da democracia, com programas mais abertos em relação ao conteúdo. A partir dessa perspectiva, é necessário que pensemos numa educação que contemple questões contemporâneas relacionadas ao dia a dia dos alunos e alunas enquanto cidadãos. Diante disso, a temática do feminismo aparece na presente pesquisa como uma dessas questões que devem

ser abordadas no currículo de História, pois são demandas que surgem nas aulas e que, para além disso, estão presentes na sociedade, bem como nas redes sociais e no mundo virtual como um todo, como foi demonstrado na pesquisa.

Entretanto, as pesquisas feitas no ciberespaço nem sempre nos dão respostas bem elaboradas e, nesse sentido, a ferramenta da internet e das redes sociais não devem ser apenas descartadas, mas apropriada pelos professores e professoras, de forma que possa guiar os estudantes em pesquisas mais sólidas, além de ampliar a relação de alunos e professores com o conteúdo. Segundo Francineide Sales da Silva e Maria Lúcia Serafim (2016):

Dias e Guimarães (2006) destacam que uma educação comprometida com o desenvolvimento e a construção de conhecimentos não pode restringir-se a oferecer caminhos únicos ancorados em currículos áridos e enciclopédicos, desvinculados de contextos significativos para o aluno. E numa sociedade dita da informação e do conhecimento a escola não pode ficar a reboque das transformações que estão sendo possibilitadas pelas tecnologias digitais. (SILVA; SERAFIM, 2016, p.72)

Numa sociedade em que a tecnologia está cada vez mais presente, é necessário que a escola saiba utilizar este recurso a seu favor, ela “deve anunciar e fazer uso desses novos paradigmas corretamente, com intuito de promover a autonomia, a inclusão, a disseminação de várias formas de ensinar e aprender.” (SILVA; SERAFIM, 2016, p.77). As tecnologias digitais, podem, portanto, ser instrumentalizadas a favor das aulas de História e das matérias escolares em geral, além de trazer mais facilidade para abordar questões silenciadas em livros didáticos e manuais utilizados pelas escolas, possibilitando a construção de uma educação para além do conteúdo curricular.

O feminismo e, de forma mais ampla, o debate em torno de temáticas relacionadas às mulheres, para além dos muros das escolas, se constituem como temáticas do tempo presente compartilhadas e também construídas nas redes sociais. Essas narrativas não ficam de fora dos espaços escolares e, portanto, estão presentes nas instituições de ensino entrando, sistematicamente, em confronto com os discursos de professores e professoras. Nesse sentido, precisamos nos atentar para o fato de que as redes sociais e o ciberespaço também são produtores de narrativas e, se os estudantes circulam por esses espaços, conseqüentemente, precisamos considerar as demandas do tempo presente trazidas pelos alunos e pelas alunas, na medida em que estas narrativas são capazes de entrar em conflito com as narrativas oficiais da História (ALVIM, 2018, p.7)

## CONCLUSÃO

O ensino de História, após a Segunda Guerra Mundial, segundo Laville (1999), com a vitória da democracia, muda sua função e ganha uma nova perspectiva: a de educar para o exercício da democracia com programas mais abertos em relação ao conteúdo. Dessa forma, a história do tempo presente se insere como um saber fundamental para a formação intelectual dos e das estudantes em prol não só do conhecimento, mas do exercício de cidadania, uma vez que a história do tempo presente, como um campo de pesquisa, trabalha com conhecimentos provisórios, os quais o historiador muitas vezes também se constitui como testemunha e agente do tempo em que vive, como nos explica Lucília de Almeida Neves Delgado e Marieta de Moraes Ferreira no artigo *“História do tempo presente e ensino de História”* (2013):

Foi considerando essa perspectiva que Bédarida declarou que a “história do tempo presente é feita de moradas provisórias” (Bédarida, 2002, p.221). Assim, a noção de história do tempo presente está associada à ideia de um conhecimento provisório que sofre alterações ao longo do tempo. Isso significa dizer que ela se reescreve constantemente, utilizando-se do mesmo material, mediante acréscimos, revisões e correções. (DELGADO; NEVES, 2013, p.23)

Nesse sentido, entendemos que as demandas das alunas entrevistadas – referentes às mulheres e ao feminismo – presenciadas nas aulas de História durante a pesquisa se configuram como questões urgentes do nosso tempo e da sociedade em que vivemos. À vista disso, o presente trabalho teve o intuito de compreender e refletir a relação de alunas do ensino médio de uma escola pública e federal de Juiz de Fora (MG) com a aula de História a partir das demandas do tempo presente, tendo como recorte questões relacionadas às pautas feministas, trazidas pelas próprias alunas, como temáticas a serem discutidas em sala.

Seguindo esta lógica, podemos afirmar então que, ao longo das últimas décadas, questões relacionadas a temáticas que antes raramente eram inseridas no contexto da sala de aula, principalmente assuntos considerados sensíveis ou controversos, como racismo, xenofobia, feminismo, violência contra a mulher, feminicídio, LGBTfobia etc., estão sendo pautados não apenas como uma proposta pedagógica de escolas e de professores e professoras como uma forma de combater tais práticas num exercício de cidadania, mas também vem se tornando uma demanda frequente de alunos e alunas que, muitas vezes enxergam no professor ou na professora de História uma possibilidade de diálogo e de compreensão acerca de tais temáticas tão complexas que compõem o cenário da história recente, uma vez que a escola não

é um ambiente desconexo da sociedade e, conseqüentemente, assuntos que estão na ordem do dia aparecerão nas salas de aulas através não só do corpo docente, mas dos alunos e das alunas.

Assim sendo, a partir desse cenário escolar, presenciado em estágios supervisionados em uma turma específica do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública e federal, no qual alunas preocupadas com temáticas relacionadas às mulheres traziam para a aula de história suas questões urgentes do tempo presente, nos atentamos em identificar de que maneira essas alunas se inseriam nesses debates. Através das observações em sala de aula e do questionário elaborado para a entrevista, concluímos que as plataformas virtuais são, para essas alunas, um importante espaço de discussão, compartilhamento e de trocas de experiências. Desse modo, as alunas levavam para a sala de aula debates feministas em meio ao contexto de radicalização política, de ataque aos direitos sociais – sobretudo das minorias – bem como da restrição da liberdade pedagógica e metodológica de professores e professoras, principalmente de História, durante as eleições de 2018. Nesse sentido, pensando nos meios utilizados por essas alunas para trazerem suas questões para a sala de aula é importante que nos perguntemos: qual a influência e a importância das redes sociais na construção de conhecimento histórico de alunas do 1º ano do Ensino Médio, no que diz respeito a temática do feminismo?

A pesquisa feita já no primeiro semestre de 2019, constatou que as redes sociais possuem influência sobre a construção do conhecimento histórico dessas alunas a respeito de temáticas referentes às mulheres e às demandas feministas. A partir das entrevistas podemos perceber, primeiramente, que as formas de se comunicar no ciberespaço se alteram velozmente e que, a partir disso, novos tipos de interação entre os indivíduos e dos indivíduos com o conhecimento são constituídos. Isso quer dizer que:

A crescente evolução das tecnologias de informação e comunicação vem criando um novo contexto virtual e, sobretudo, novas maneiras de interagir no espaço cibernético. A internet é responsável por grandes transformações sociais e culturais e tornou-se indispensável para a sociedade, pois atualmente 80 % da população têm acesso a ela (...) (SILVA; SERAFIM, 2016, p.69)

Nesse sentido, a pesquisa demonstrou que as formas com que as jovens alunas entrevistadas adquirem conhecimentos acerca de questões relacionadas às mulheres são, principalmente, através de redes sociais que se constituem em sua maioria por recursos imagéticos e textos rápidos como o Instagram, WhatsApp e Youtube, este último muitas vezes ligado aos estudos. Entretanto, ressaltamos o caráter de produção de sentido das redes sociais e, em geral, das mídias:



Segundo estes autores, a mídia pode ser compreendida como local de um agendamento que instaura processos de convocação e identificação dos sujeitos sociais. Assim, os meios de comunicação (a mídia) não são dispositivos de mera reprodução, mas dispositivos de produção de sentido.” (SOUSA, 2014, p.68)

Dessa forma, a fala das alunas durante as entrevistas traz a reflexão de que, para além das redes sociais como espaço de lazer e de estudos, tais plataformas se constituem também como espaços de produção de sentido sobre si mesmas, pois ao terem acesso ao conhecimento sobre temáticas relacionadas às mulheres e ao feminismo e ao compartilharem experiências com outras mulheres no ciberespaço, essas alunas se constituem e se enxergam enquanto feministas.

Entretanto, no período em que a pesquisa foi realizada – durante o primeiro semestre de 2019 – encontramos um diferente contexto na sala de aula: a redução de debates relacionados às mulheres na aula de História que, segundo as alunas, no anterior eram mais frequentes e algumas alunas atribuíram essa ausência ao período que estava sendo estudado naquele momento (medieval). Porém, ainda assim, as alunas demonstraram uma forte relação com a escola. Ainda que temáticas relacionadas as mulheres tivessem diminuído, é perceptível nas entrevistas a importância da escola na construção de saberes que estão para além dos conteúdos programados pelas disciplinas. Se o mundo virtual e as diferentes redes sociais utilizadas pelas entrevistadas fazem parte da construção de saberes, inclusive, do conhecimento histórico e de temáticas relacionadas às mulheres, a escola também se configurou, na pesquisa, como um importante espaço de formação acerca dessas temáticas.

Nesse sentido, tendo em vista o papel desempenhado pelas redes sociais e pelo ciberespaço na vida dessas alunas e, para além disso, da sociedade contemporânea, o presente trabalho coloca em destaque a necessidade dos professores e professoras saberem utilizar essa ferramenta, a fim de que ela seja mais um instrumento para a construção do saber do que um inimigo. É preciso ter em mente que ignorar o uso das tecnologias e das redes sociais em sala de aula não impedirá que os alunos e as alunas busquem por esse recurso. Todavia, num mundo de informações e de conhecimentos, no ciberespaço e as redes sociais, também nos deparamos com narrativas históricas equivocadas e algumas vezes a-históricas. Portanto:

É o que aponta a educadora Bencini (2002), quando se refere à Era da Informação como um fato consumado e que, a cada dia, os alunos estão mais conectados, mas precisam da ajuda do educador para aprender a interpretar, pois adepto ou não às inovações tecnológicas, os professores devem reconhecer que, graças a ela, a informação não é mais privilégio de poucos, e o que vale não é apenas possuí-las, mas interpretá-las, em outras palavras,

transformar informação em conhecimento. Não basta possuir uma infraestrutura moderna de comunicação; é preciso capacidade para converter informação em conhecimento (SILVA; SERAFIM, 2016, p.70)

Portanto, num contexto social pautado cada vez mais pela tecnologia e pela internet, no qual temos acesso a uma quantidade enorme de informações de maneiras rápidas e fáceis, através smartphones, computadores, tablets, etc. por um lado, enfatizamos a ideia de que tais hábitos não se configuram como algo estritamente negativo pois, o ciberespaço, também pode se tornar ferramenta para a construção do conhecimento histórico e de diversos outros saberes. Contudo, por outro lado, na medida em que a Internet traz novos aspectos para a vida dos jovens, ela também abriga armadilhas e questionamentos do saber histórico e acadêmico e, cada vez mais, de forma sistemática, nos deparamos com o desafio, enquanto professores de História, de dialogar da melhor forma e criar as ligações necessárias dentro de sala de aula para um uso mais educativo do ciberespaço. Nesse sentido, ao trabalharmos com o ciberespaço é preciso não perder de vista o fato de que “as tecnologias (neste caso, de comunicação) não são neutras, nem simplesmente boas ou más. Elas estão associadas a um meio social mais amplo, em parte determinando este contexto, mas também sendo determinadas por ele.” (SOUSA, 2014, p. 69).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, V. **História e memória na sala de aula e o ensino de temas controversos**. In: Quadrat, Samantha Viz; Rollemberg, Denise. (Org.). História e memória das ditaduras do século XX. 1ed.Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015, v. 2, p. 283-300.
- ALVIM, Yara Cristina. “A resistência pelo conhecimento: desafios e apostas ao ofício do professor em tempos de incertezas”. **Anais da XVIII Semana de História da UFJS**. São João Del Rei: Departamento de História, 2018. (no prelo)
- ARRUDA, Eucídio Pimenta. **Cultura e Ensino de História da Perspectiva das Redes Sociais e do Ciberespaço**. In: Ernesta Zamboni, Maria Carolina Bovério Galzerani e Caroline Pacievitch. (Org.). Memória, Sensibilidades e Saberes. 1ed.Campinas: Atomo e Alinea, 2015, v. 1, p. 430-450.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves, NEVES, Lucilia de Almeida; FERREIA, Marieta. **História do Tempo Presente e Ensino de História**. Revista História Hoje, v. 4, p. 20-34, 2013.
- FRANCO, A. P. ; MARTINS, C. C. O. . **Narrativas históricas de jovens estudantes na Internet: que cidadania é esta?** In: Selva Guimarães. (Org.). Ensino de História e Cidadania. 1ed.Campinas, SP: Papirus, 2016, v. 1, p. 279-306.
- FRANCO, A. P. **Formação da consciência histórica e redes sociais: autorias discentes, saberes e práticas docentes**. In: Ernesta Zamboni; Maria de Fátima Sabino Dias; Silvia Finocchio. (Org.). Peabiru: um caminho, muitas trilhas. 1ed.Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2014, v. 1, p. 91-113.
- LAVILLE, Christian. **A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História**. Rev. bras. Hist., São Paulo, v. 19, n. 38, p. 125-138, 1999. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01881999000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881999000200006&lng=en&nrm=iso)>. access on 06 Oct. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01881999000200006>.
- MIRANDA, S. R.. **Aprender e Ensinar o Tempo histórico em tempos de incertezas**. In: GONÇALVES, Marcia de Almeida; MONTEIRO, Ana Maria; REZNIK, Luís; ROCHA, Helenice. (Org.). Qual o valor da História hoje?. 1ed.Rio de Janeiro: FGV- Fundação Getúlio Vargas, 2012.
- NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Metodologias feministas e estudos de gênero: Articulando pesquisa, clínica e política**. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006
- PELÚCIO, Larissa. **Desfazendo o Gênero** In: MISKOLCI, Richard; LEITE JÚNIOR, Jorge. Diferenças na educação: outros aprendizados. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2014.
- SILVA, Sivaldo P. **Algoritmos, comunicação digital e democracia: dimensões culturais e implicações políticas nos processos de Big Data**. In: João Paulo Mehl; Sivaldo Pereira da Silva. (Org.). Cultura digital, internet e apropriações políticas Experiências, desafios e horizontes. 1ed.Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2017, v. 1, p. 29-43.

SILVA, FS., and SERAFIM, ML. **Redes sociais no processo de ensino e aprendizagem: com a palavra o adolescente.** In: SOUSA, RP., et al., orgs. Teorias e práticas em tecnologias educacionais [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016, pp. 67-98. ISBN 978-85-7879-326-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

SOUSA, Cirlene Cristina de. **Juventude (s), mídia e escola: ser jovem e ser aluno face à midiatização das sociedades contemporâneas.** 2014. Dissertação (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

## APÊNDICE A: Questionário elaborado para as entrevistas

### BLOCO 1: CIRCULAÇÃO NAS REDES SOCIAIS

- 1) Qual sua idade? \_\_\_\_\_
- 2) Você possui acesso à internet em sua casa? ( ) SIM ( ) NÃO
- 3) Você faz uso de Redes Sociais? ( ) SIM ( ) NÃO

Em caso afirmativo na questão anterior, para quais usos são direcionados seu acesso às redes sociais? ( ) informação ( ) lazer ( ) estudos ( ) jogos ( ) outros: \_\_\_\_\_

- 4) Em caso afirmativo da questão 3, quais redes sociais abaixo você utiliza?

Facebook				
Instagram				
Twitter				
Whatsapp				
Youtube				

Outras: \_\_\_\_\_

- 5) Você utiliza as redes sociais com um meio de buscar informações? ( ) SIM ( ) NÃO
- 6) Quais assuntos você mais pesquisa na internet?
- 7) Nas redes sociais que frequenta você participa de grupos que discutem temáticas relacionadas às mulheres?
- 8) Se a resposta a cima for afirmativa, quais são os temas discutidos?
- 9) O que te levou a frequentar estes grupos?

### BLOCO 2: TEMÁTICAS RELACIONADAS ÀS MULHERES

- 10) Para você, qual seria a relevância de discutir esses temas destes grupos?
- 11) Na sua opinião, estes temas são assuntos que precisam ser debatidos? ( ) SIM ( ) NÃO . Por que?
- 12) Alguns destes temas te afetam diretamente? ( ) SIM ( ) NÃO. Por que?
- 13) Você já sofreu algum tipo de opressão por ser mulher? ( ) SIM ( ) NÃO
- 14) Você já sofreu algum tipo de assédio por ser mulher? ( ) SIM ( ) NÃO

- 15) Você procura se informar, através das redes sociais, sobre questões relacionadas à violência contra a mulher? ( ) SIM ( ) NÃO
- 16) Você utiliza as suas redes sociais para se informar sobre a violência doméstica? ( ) SIM ( ) NÃO
- 17) Na sua opinião a violência doméstica é um assunto que precisa ser debatido? ( ) SIM ( ) NÃO
- 18) Você procura se informar, através das redes sociais, sobre as diferenças salariais entre homens e mulheres? ( ) SIM ( ) NÃO
- 19) Você acha que homens devem ter o salário maior do que o das mulheres? ( ) SIM ( ) NÃO
- 20) Você acha que mulheres devem ter o salário maior do que o dos homens? ( ) SIM ( ) NÃO
- 21) Você acha que as mulheres possuem as mesmas oportunidades do que os homens no mercado de trabalho? ( ) SIM ( ) NÃO
- 22) Você procura se informar, através das redes sociais, sobre questões como o direito ao aborto? ( ) SIM ( ) NÃO
- 23) Qual a sua visão sobre a legalização do aborto? \_\_\_\_\_
- 24) Você considera que sua participação nestes grupos provocou algum impacto em sua vida? Qual seria?

### **BLOCO 3: AULA DE HISTÓRIA**

- 25) Na sua aula de História a temática das mulheres é recorrente? ( ) SIM ( ) NÃO
- 26) Se a resposta acima for positiva, quais discussões mais aparecem dentro dessa temática? \_\_
- 27) Você acha que a aula de História é um ambiente Ideal para a discussão de temas sobre as mulheres?
- 28) Você gostaria que temáticas sobre as mulheres fossem mais abordadas em sua aula de História?
- 29) Em seu livro didático aparece algo relacionado as mulheres na História? ( ) SIM ( ) NÃO
- 30) Você acha que é importante falar sobre o papel das mulheres ao longo da História? ( ) SIM ( ) NÃO

- 31) Na sua aula de História há debates em torno da figura e do papel das mulheres na atualidade? ( ) SIM ( ) NÃO
- 32) Você acha que sua aula de História te ajuda a entender situações de opressão vivida por mulheres? ( ) SIM ( ) NÃO
- 33) Você acha que sua aula de História te ajuda a entender situações de assédio vivida por mulheres? ( ) SIM ( ) NÃO